

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CADERNOS DO I. L.  
Nº 11  
JUNHO DE 1994

**UFRGS**  
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

2. Feminine Heroines. In: SHOWALTER, Elaine. *A Literature of Their Own*. Princeton, New Jersey, 1977. page 103-104.
3. AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Pocket Books, Inc. New York, 1955, page 10.
4. BRONTS, Charlotte. *Jane Eyre*. Longman, England, 1986. page 270.
5. Idem (4) page 93.
6. Idem (1) page 64.
7. Idem (3) page 24.
8. Idem (3) page 60.
9. Idem (3) page 60.
10. Idem (4) page 268.
11. *Jane Eyre*. In: NESTOR, Pauline. *Charlotte Brontë*. Macmillan Education LTD, London, 1987. page 60.

#### BIBLIOGRAPHY

- AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Pocket Library, New York, 1955.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Longman, England, 1986.
- CALDER, Jenni. *Women and Marriage in Victorian Fiction*. London. Thames and Hudson LTD, 1976.
- NESTOR, Pauline. *Charlotte Brontë*. Macmillan Education, London, 1987.
- NEWTON, Judith Lowder. *Women, power & subversion: social strategies in British Fiction, 1778-1860*. New York and London, Methuen, 1981.
- SHOWALTER, Elaine. *A Literature of Their Own: British Women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey, Princeton University Press, 1977.

## A INTER-RELAÇÃO DE QUADROS TEÓRICOS

Maria Cristina Leandro Ferreira<sup>1</sup>

### 1. Proposta do trabalho.

Ao propor uma reflexão sobre a inter-relação de quadros teóricos é meu propósito levantar certos aspectos que envolvem distintos pressupostos e distintas escolhas metodológicas, presentes nos campos de conhecimento selecionados: a teoria gerativa e a teoria da variação e mudança lingüística.

Em nenhum momento se pretende "conciliar" os modelos teóricos ou forçar uma "compatibilização" entre eles. Cada programa de pesquisa será examinado em suas especificidades e nas possibilidades eventuais de estabelecerem alguma inter-relação (e a que custo). Evidentemente, cada programa preserva sua particularidade epistemológica e seguirá sua trajetória com a independência e autonomia que os caracterizam.

Será feito um cotejo entre os estudos sobre variação, envolvendo a linha laboviana e a linha chomskiana, destacando o enfoque dado ao conceito de **variante** por essas diferentes abordagens.

### 2. A teoria gerativa e a teoria da variação.

Ambos os modelos - o gerativo e o variacionista - constituem programas únicos com pressupostos próprios e metodologia específica. Temos de um lado uma lingüística de regras, com rígidos postulados e acentuado formalismo; de outro, uma lingüística de probabilidades, com predominância do fato, do dado bruto em detrimento da teoria. A primeira entra com seu poder explicativo e com as perguntas instigantes; a segunda, com a solidez metodológica, com o instrumental e o modo de trabalhar.

Essa tendência de polaridade não é nova para quem reflete com e sobre linguagem, vestígio sempre presente da forte herança estruturalista.

<sup>1</sup>Maria Cristina Leandro Ferreira é professora no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da UFRGS.

É predominante a iniciativa de opor os fatos lingüísticos, ao invés de tentar articulá-los, ou buscar uma complementaridade. Essa história já vem de longe e um de seus marcos são as conhecidas dicotomias saussurianas que encobrem a hierarquia existente entre os elementos dos pares.

A oposição presente entre os dois modelos em destaque deixa entrever outra antiga (mas nem mesmos ativa) polêmica, envolvendo racionalismo e empirismo, sobre a qual muita coisa já se disse.

São duas, basicamente, as razões para o cotejo que se vai fazer entre as duas abordagens:

(1) há ganhos indiscutíveis para a análise lingüística na aproximação entre a gramática gerativa e a teoria variacionista, cada uma trazendo novos dados, sem que isso implique redução de um programa a outro. Com a quantificação dos dados ganha a gramática gerativa, no que se refere à confiabilidade de seu corpus, sempre um problema para os gerativistas e, por isso mesmo, um alvo certo para os críticos do modelo, acusado de artificialismo. A sociolingüística quantitativa, por sua vez, ganha em consistência teórica com a abstração de fatores sociais e a ênfase nos fatores gramaticais;

(2) entre os dois modelos é viável a existência de um elo, de alguma forma de contato, enfim. Há mesmo alguns caminhos buscando uma compatibilidade entre as propriedades paramétricas da gerativa com as probabilidades da variação, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro.

### 2.1. Pontos em comum na variação intra- e inter-lingüística.

Segundo W. Labov, idealizador do modelo variacionista, é possível estudar a linguagem em situações reais de uso, porque a heterogeneidade da língua é estruturada, é sistematizável, oportunizando que se depreendam dos dados os mecanismos que determinam sua variação e mudança. A ocorrência de uma ou outra variante não é aleatória, mas condicionada por fatores lingüísticos e extra-lingüísticos. Estes fatores apresentam um padrão elevado de sistematicidade, passível de quantificação e conseqüente previsão, em relação à história da língua.

Segundo N. Chomsky, um dos principais teóricos centralizadores da pesquisa realizada na área da gramática gerativa transformacional, o estudo científico da linguagem requer a abstração dos fatores que atuam em situação real de uso, donde a exigência da postulação de uma comunidade lingüística ideal. Esta é a homogeneidade típica da gerativa, contrapondo-se à heterogeneidade variacionista.

De acordo com o pressuposto gerativista, a abstração de fatores sociais é pré-condição para uma abordagem científica da linguagem. O objeto de estudo passa a ser a língua-I (língua interna), e não mais a língua-E (língua externa). Isto é, passa-se do estudo do comportamento e seus produtos para o estudo dos estados da mente/cérebro que entram nesse comportamento. Antes, na tradição estruturalista, o objeto externo a ser descrito eram as frases produzidas; agora, procura-se descrever a representação mental do conhecimento da língua de quem as produziu. É por isso que a noção de língua na concepção atual da sintaxe chomskiana é mais abstrata que a noção de gramática, esta sim, o verdadeiro objeto da lingüística. A teoria da variação, por sua vez, garante estatisticamente sua cientificidade ao projetar as probabilidades dos fatores que favorecem ou inibem o comportamento das formas em variação e mudança. Este poder explanatório das análises projetadas pela lingüística das probabilidades será aproximado da sintaxe gerativa, a qual funciona atualmente à base de princípios e parâmetros, não mais de regras.

Precisamente esta união é o foco da proposta de Tarallo e Kato (1989 :8):

"As línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática, revelando movimentos sincronizados e espelhados aos quais os gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas."

Os autores acreditam num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-lingüística, que denominam de harmonia trans-sistêmica.

Um dos alcances dessa harmonia é permitir o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática. Desse modo, compatibilizando os resultados da

lingüística de probabilidades com as previsões da lingüística de propriedades paramétricas e princípios, fica estabelecido um elo obrigatório entre a variação intra- e inter-lingüística.

Nessa linha de entendimento teórico, alguns trabalhos vêm sendo realizados, despertando entusiasmo, mas também ceticismo.

Um exemplo de trabalho entusiasta e estimulador é a tese de Jânia Ramos (1992), que estuda a marcação de caso e mudança sintática através das duas abordagens: a variacionista e a gerativa. Ramos analisa o fenômeno da marcação preposicional de complementos verbais, por meio de a, do ponto de vista sincrônico e diacrônico, no Português do Brasil. Ao utilizar dados de ordem quantitativa em estudos de mudança lingüística no quadro da gramática gerativa, ela busca explicitar um ponto de interesse comum entre as duas teorias, utilizando a descrição do perfil de uma mudança como fonte de evidência empírica.

Adepta da "união" entre os dois quadros, a autora vê na ênfase crescente à importância dos fatores gramaticais por parte da sociolingüística quantitativa, bem como na tendência à atribuição de um papel cada vez mais secundário aos fatores sociais, uma "evolução" nesse programa de pesquisa.

Ainda que o núcleo de cada programa seja diferente (inatismo vs. interacionismo), há um ponto de contato entre eles na descrição e explicação da variação intra- e inter-lingüística.

Ramos busca na gerativa as hipóteses gramaticais que orientam a seleção dos aspectos sintáticos a serem observados em determinada mudança. No avanço da teoria, alcançado em período recente, formulou-se um conceito de variação capaz de descrever a variação sincrônica inter-lingüística e a variação intra-lingüística, como alterações decorrentes dos mesmos princípios gerais. É aqui justamente que se encontra um dos "ganchos" para a inter-relação.

O comportamento sintático peculiar de a no português brasileiro (PB) atual foi um dos fatores que influenciaram na decisão de dispensar um tratamento gerativista à marcação preposicional. Diante de um conjunto de fatos diversificados, a autora procura identificar condicionamentos sintáticos para explicar a presença da preposição em complementos verbais do PB. Sem dúvida, a tese de J.Ramos dá uma

demonstração consistente das vantagens em se trabalhar nessa "harmonia trans-sistêmica" e encoraja, assim, futuros "casamentos".

**2.1.1. Os prós e contra do "casamento".** A teoria gerativa, graças a seu arcabouço teórico poderoso e consolidado, ainda que admita alguma contribuição da teoria da variação na análise de certos fenômenos, certamente não vai mudar os rumos de seu programa em função disso. Há alguns anos atrás se costumava dizer que "tudo aquilo que varia é, em geral, ignorado pelos gerativistas ou resolvido em termos da regra opcional". Atualmente, uma afirmação como essa mereceria reparos, por ser excessivamente radical na crítica. As sucessivas versões dos modelos admitem espaços para tratar a mudança, sobretudo a linha da sintaxe histórica, cada vez mais ganhando adeptos entre nós. Em artigo recente, Kato (1992) retoma o tema da variação e mostra novas implicações que o mesmo suscita nas duas frentes de pesquisa, quando entram em jogo as chamadas "variantes estilísticas". Ao discorrer sobre "variação sintática e estilo", ilustra a polêmica existente descrevendo a concepção do termo para alguns autores. Em Labov, por exemplo, o próprio conceito de variante está ligado a estilo; enquanto Chomsky e Lasnik preferem a designação "regras estilísticas". Todavia, com a "virada" operada na gramática gerativa - de uma gramática de regras para uma gramática de princípios e parâmetros - a discussão quanto a uma regra ser ou não estilística deixa de importar. Em seu artigo, Kato (p.128) dá exemplo de duas regras, consideradas estilísticas na literatura gerativista, e que passam a ser questionadas: (1) a regra de inversão sujeito-verbo (que ocorre sobretudo em interrogativas no francês) e (2) a regra de extraposição do constituinte pesado. Tais regras não poderiam ser chamadas de "estilísticas" na concepção de Chomsky e Lasnik (1977), nem consideradas "variantes" na concepção laboviana. Kato (op.cit.,p.133) busca em uma passagem de "Managua Lectures" (Chomsky,1988: 186-7) a evidência da mudança do conceito de variação estilística dos gerativistas, que passa a ter uma natureza de code-switching. Para Chomsky, então, a variação não é uma propriedade interna de uma gramática, assim como para Lavandera (1978) em sintaxe não há variação. A distinção da questão de estilo entre variacionistas e

gerativistas é resumida por Kato (p.134) nos seguintes termos: para os variacionistas estilo é um fenômeno externo (entre a Língua-E e o contexto), para os gerativistas estilo se define como opções internas paramétricas do falante. A variação sintática para os variacionistas é um fenômeno intra Língua-E; para os gerativistas, um processo intra Língua-I. "Estes tentam desvendar o mecanismo que permite tal **code-switching**, enquanto aqueles procuram enxergar uma ordem e uma sistematicidade na heterogeneidade do produto" (p.134).

Também da parte de variacionistas surgem temores quanto ao direcionamento mútuo entre as linhas de pesquisa. O risco maior a ser lembrado é que a teoria possa ser absorvida, de alguma forma, pela outra, que conta com mais tradição e prestígio acadêmico, e passe a funcionar apenas como um instrumento de ordem metodológica. Um dos que assim pensa é Borges Neto (1991), que em sua tese faz sombrias previsões para o variacionismo, quando afirma que o programa está simplesmente se tornando uma descrição de dialetos com uso do instrumental fornecido pela gramática gerativa.

Como se pode perceber, a questão é polêmica e o debate encontra-se em aberto. É preciso aguardar a produção de outros trabalhos nessa direção, para então avaliar os resultados e conferir o saldo de perdas e ganhos em cada quadro teórico.

De qualquer modo, já dá para adiantar que o movimento é saudável e que a trajetória da sociolingüística laboviana tem sido frutuosa. Condenável teria sido a estagnação da teoria. Ao contrário, como lembra G. Almeida (1989:77), ela caminhou no sentido de buscar explicações lingüísticas para as variações, voltando sua atenção para os ambientes lingüísticos em que elas se dão. Em decorrência disso, já não cabe mais a acusação de "sociologismo" atribuída à sociolingüística.

## 2.2. Formalismo vs. Funcionalismo.

Este novo par é, na verdade, uma variante do mesmo tema central que preside à discussão entre gerativismo e variacionismo. Trata-se ainda da antiga e não-resolvida briga entre racionalismo e empirismo. Ou seja, novas roupagens com diferentes etiquetas para vestir o mesmo manequim.

Chega a ser obsessiva a disputa, fazendo com que se retorne sempre ao mesmo ponto. O que só confirma a força magnética de atração dos opostos na área da lingüística (também).

Assim como a gramática gerativa revê sucessiva e periodicamente seus modelos, instituindo uma prática saudável e até certo ponto elogiosa, também a teoria da variação inicia, por volta dos anos 80, a pôr em xeque um dos eixos de sustentação de seu arcabouço - a hipótese funcionalista. No processo de revisão empreendido por Labov, procura-se revisar a relação forma/função, investindo-se mais na força explanatória do sistema. Deixa-se em segundo plano a força do contexto. Isto tudo sem elidir o aspecto funcional.

O funcionalismo sempre tendeu a explicar a forma da linguagem, atribuindo papel decisivo à sua função. A idéia é que o uso influencia a forma. Ao admitir a prevalência do lingüístico sobre o social e encaminhar a análise das variações para dentro do sistema, Labov procura esgotar as possibilidades de explicação internamente, para só então buscar a complementaridade fora. Reduzindo o peso do social através de uma investigação inicial de motivação essencialmente lingüística, a teoria amplia seu poder explicativo e atrai críticas ácidas, mas também ardorosos elogios. Em artigo onde examina "os gestos temporais e as migrações na teoria de Labov", Celada (1992) destaca este retorno "para dentro" da teoria: o estudo do social que no início era essencial vai ficando acidental. A luta entre heterogeneidade e homogeneidade, controlada por duas forças (estrutura e funcionalismo), tende para a **estrutura**, registrando-se a dependência da função comunicativa em relação ao formal (ao sistema).

Outro argumento favorável é o reconhecimento de que o deslocamento percebido na teoria não a enfraquece; ao contrário, a fortalece. Isto porque, agora a variação é reconhecida como ocorrendo no interior do sistema lingüístico, independente de fatores externos. Ela continua, portanto, sendo constatada, apenas altera o lugar da explicação.

A questão do lingüístico e do social revela diferentes modos de se refletir sobre a linguagem. Assim, para os funcionalistas (entre eles, os variacionistas), o lingüístico e o social não são constitutivos entre si. Eles se encontram em correlação direta, quase biunívoca. O peso maior de um

fator sobre outro no programa vai depender da predominância de circunstâncias internas ou externas, envolvendo os dados investigados. Já para os gerativistas essa questão não se coloca, pois o social está fora dos limites de seu objeto de estudo. A faculdade de linguagem é uma estrutura inata que se encontra isolada da interação social. Para os discursivistas, o lingüístico e o social estão em relação imanente, relação crítica e tensa que é constitutiva do discurso e na qual eles se constituem. Aqui não há oposição entre fatores de natureza interna e externa na determinação da linguagem, até porque a exterioridade do discurso não está "fora", mas é imanente.

**2.2.1. O funcionalismo rediscutido por Labov.** Os casos de variação lingüística apresentaram sempre estreita correlação com fatores não-estruturais. Os deslizamentos do quadro teórico sinalizando um movimento para dentro, para a estrutura, para o lingüístico, delimitam uma "virada" no interesse da pesquisa.

O funcionalismo tem como pressuposto fundamental a idéia de que a linguagem tem por função comunicar com eficácia e com máximo de economia. Tudo na linguagem deve contribuir para uma melhor comunicação; e, de modo inverso, coisa alguma será lingüística se não contribuir para a comunicação. Este postulado teve seu apogeu no estruturalismo e continua soberano até hoje, a inspirar seguidores.

Chomsky, anti-funcionalista militante, não aceita de forma alguma o embasamento dessa corrente. Para ele não há razão alguma para se crer que a condição funcional a ser satisfeita pelas línguas deva ser uma condição que procure facilitar a comunicação (Cf. Chomsky, 1977: 88).

A partir de 80, começa por parte dos próprios funcionalistas, com destaque para Labov e seu grupo, um movimento de pesquisa para casos onde não há comunicação, ou onde ela se faça com problemas ("misunderstandings"). O objetivo não é o de desqualificar os argumentos funcionalistas como sendo ilusórios, mas sim atribuir-lhes a devida repercussão.

Dois textos de Labov são decisivos nessa "virada":

(a) "The Overestimation of functionalism" (1987),

(b) "The limitations of context: evidence from misunderstandings in Chicago" (1989).

No artigo de 87, cujo título é por si bastante sugestivo, o autor critica a vaguidade conceitual dos termos comunicação e função, assim como o caráter de verdade absoluta dos postulados que lhes são decorrentes. Ao levantar uma série de variações não explicadas pela hipótese funcionalista, procura evidenciar que a necessidade de informação, ainda que inegável, é relativamente fraca como força explanatória, podendo ser suplantada por fatores diversos de natureza interna. Em nenhum momento deste artigo, Labov descarta o funcionalismo; ele demonstra sim é que está se libertando dele, apontando suas inconsistências e mostrando a limitação de certas explicações. Ao mesmo tempo, explicita os mecanismos de ajustamento operados pelo próprio sistema para assimilar as perdas.

No texto de 89 acentua-se a revisão intra-modelo e definem-se mais claramente as direções que a pesquisa toma. Aqui Labov não quer provar a força da comunicação, mas seus problemas, os mal-entendidos que ocorrem entre interlocutores, sem que eles se apercebam. O ponto de vista determinante é o do ouvinte, e não mais do falante, na compreensão da fala. Ao contrário da noção de contexto ampliado (própria do funcionalismo), a noção que vai importar é a de contexto limitado pela estrutura da língua. Menos que por forças externas, esse novo contexto vai ser determinado por forças internas, inerentes ao próprio sistema lingüístico e mais mecânicas no seu funcionamento. Ao estudar as mudanças da cadeia de vogais em cidades do norte e do sul dos Estados Unidos, a pesquisa de Labov constata padrões de diversidade lingüística crescente em curso; Chicago, como representativa cidade do norte, é o foco da investigação. A estratégia paralela com expectativa de maior acionamento prevê, em caso de problemas com a decodificação de vogais, a utilização de outros níveis de informação, do morfológico ao pragmático. Esta estratégia, contudo, não se mostrou acessível a muitos informantes, pois os testes indicaram que uma forma fonética aberrante bloqueia, em certos casos, a interpretação semântica. Desse modo, as explicações para os mal-entendidos dentro de comunidades de fala bem restrita deslocam-se do funcionalismo para o formalismo; de contextos amplos para limitados; de fora do sistema para dentro.

Por essa trajetória teórica não-dogmática de Labov é possível esperar alguma complementaridade entre áreas sempre tão antagônicas; é possível esperar também que elas possam crescer com a troca mútua.

Tarallo (1988: 271) considerava esse como um momento promissor da lingüística, em que o racionalismo chomskiano e o funcionalismo laboviano parecem se aproximar cada vez mais.

Até aqui se estabeleceu uma correspondência entre variacionismo e funcionalismo, dando destaque à tendência revisionista comandada por Labov e à opção cada vez mais acentuada pelo formalismo. Há, porém, outras correntes funcionalistas, igualmente fortes, indo em outra direção e adotando, conseqüentemente, diferentes assunções teóricas. É o que examinaremos a seguir.

**2.2.2. Os funcionalistas "assumidos".** Um grupo de pesquisa que faz lingüística assumidamente funcionalista sobre dados empíricos é o Grupo de Estudos Sociolingüísticos no Rio de Janeiro. Este grupo construiu já uma história e uma considerável produção que o credenciam na comunidade acadêmica.

A teoria da variação laboviana é referida pelo grupo no tocante à metodologia, especificamente. Em todas as demais postulações, os espaços parecem delimitados vigorosamente, não deixando entrever qualquer possibilidade para uma articulação de quadros teóricos.

Desde os pressupostos (teoria não-mentalista), até o recorte do objeto (a Língua-E e seus mecanismos de processamento lingüístico), passando pela seleção das variáveis independentes (todas condicionadas por fatores de natureza funcional), a incompatibilidade com o formalismo parece total e definitiva.

Ao contrário do que se viu na tendência anterior, aqui o grupo busca fora da língua e no contexto de seu uso os fatores que motivam e condicionam a sua estrutura.

O conceito de discurso aparece em destaque como fator a ser considerado na análise, mas com uma especificidade significativa: procuram fazer uma análise no discurso, e não do discurso. (cf. Oliveira e Silva e Votre, 1991)

Para um discursivista que segue a escola francesa (como é o meu caso), esse rigor detalhista, atribuindo duas significações ao discurso, dependendo da ótica de análise, parece bem estranho e desnecessário. Afinal, o emprego diferencial da preposição em ou de não altera o objeto teórico precípua da e na análise, qual seja, o próprio discurso, enquanto materialidade lingüística e histórica mutuamente constitutiva. O discurso é o ponto de partida e de chegada em qualquer análise; e lugar, por excelência, dos acontecimentos, determinando a perspectiva teórica a orientar a conduta do analista.

Em artigo que suscitou debate através da revista DELTA, Votre & Naro (1989), integrantes do grupo do Rio, defendem seu programa de pesquisa e o fazem atirando pesada munição contra os formalistas (identificados exclusivamente enquanto gerativistas). Na concepção de trabalho adotada por eles, a estrutura sintática é colocada à margem, na investigação dos fenômenos; todas as regularidades devem ser procuradas no discurso. A estrutura, no plano abstrato, seria uma espécie de "ilusão de ótica" criada pelos lingüistas. Logo, a abordagem formal ao debruçar-se sobre a sintaxe estaria buscando explicações "no lugar errado".

A hipótese básica a ser demonstrada é que a forma origina-se do uso da língua, sendo a estrutura, conseqüentemente, entendida como derivada:

"...a estrutura (ou a forma da língua) é uma variável dependente, resultante das regularidades das situações em que se fala. Daí segue-se que a estrutura só pode ser explicada levando-se em conta, e considerando-se com especial cuidado, a comunicação" (V&N, op.cit.,p.170).

Segundo os autores, sua posição entre os funcionalistas, no que concerne à existência da estrutura, é "moderada", pois há os que consideram que a estrutura não possui existência independente do uso da língua.

Outra questão levantada no ataque à gerativa diz respeito aos dados. Este é um ponto em que a crítica assume mordacidade, com a cobrança da alienação da teoria frente à realidade da língua: "Será que uma teoria [a formalista] baseada em dados tão marginais à língua real, e

tão problemáticos quanto à sua autenticidade, pode nos trazer alguma contribuição significativa?" (p.172).

Que existam dados risíveis no corpus gerativo é incontestável; o problema é usar este argumento para desqualificar toda a teoria que, como também parece incontestável, avança nitidamente na explicação de seu objeto de estudo bem preciso (a língua-I). Além do mais, a relação do funcionalista com os dados brutos também não fica livre de reparos, pois ressentem-se de um arcabouço teórico que lhe dê sustentação. Se o gerativista parece prescindir do dado e se apóia exclusivamente na teoria, o funcionalista parece se fixar nele de forma absoluta.

Ao propor o confronto entre os dois quadros teóricos, V&N ilustram a superioridade do seu programa, enfocando a análise da estrutura VS em português. Para saber qual lado sai "vitorioso", lançam uma pergunta retórica, na qual fica explicitada a "superioridade" da equipe em que atuam: "Qual abordagem está mais de acordo com os fatos - a funcionalista, que não precisa da noção de estrutura sintática, ou a abstrata, que depende criticamente desse construto teórico?" (p.177)

A pergunta, apesar de artilosa, não se sustenta, pois os fatos pertencem a quadros teóricos distintos, sendo, portanto, igualmente distintos; desse modo, não há como querer compará-los. Só faria sentido comparar "dados", no interior de cada uma das teorias; ou comparar os respectivos processos de delimitação de quadros teóricos. "Mas isto (como diz Nascimento, 1990) já seria comparação de quadros teóricos que, para serem comparáveis, teriam de tratar do mesmo objeto de estudo".

A entrada de Nascimento no debate (um formalista- gerativista) traz de volta a perspectiva de complementaridade, percebida nos rumos da teoria laboviana e anunciada com otimismo por Tarallo (um variacionista-gerativista). Nascimento, com elegância e argumentos pertinentes, desfaz as acusações funcionalistas de V&N e desloca a polêmica para um terreno mais produtivo, onde as diferenças e especificidades possam ser respeitadas. Conforme seu depoimento:

"...os dois modelos de análise lingüística podem contribuir um para o progresso do outro e, na melhor das hipóteses, podem até articular-se num programa de pesquisa que vise a explicar como as representações

mentais e os mecanismos que produzem o comportamento verbal manifesto interagem" (p. 88).

Pelo que se viu, a polarização continua acirrada e não dá mostras de se encerrar tão cedo. Fica valendo aqui a tentativa de levar mais construtivamente a polêmica, tornando nítidas e precisas as fronteiras de cada linha teórica, sem que precisem se tornar intransponíveis ou impermeáveis.

Quando for viável e conveniente, é recomendável que se construam pontes de mão dupla para favorecer a caminhada dos pesquisadores de cada área.

**2.2.3. Quadro esquemático e resumido dos modelos teóricos.** Para concluir a seção, apresento um breve apanhado dos principais pares opositivos relacionados às teorias estudadas.

<u>Formalismo</u>	<u>Funcionalismo</u>
estrutura	uso
forma	função
lingüístico	social
mentalismo	não-mentalismo
racionalismo	empirismo
inatismo	interacionismo
princípios e parâmetros	variáveis e probabilidades
variação inter-lingüística	variação intra-lingüística
língua-I	língua-E
conhecimento lingüístico	processamento lingüístico
falante-ouvinte ideal	falante-ouvinte real
Chomsky	Labov



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G. (1989). Resgatando a contribuição da sócio-lingüística laboviana. DELTA, 5, 1, p.71-79.
- BORGES NETO, J. (1991). A Gramática Gerativa Transformacional; um ensaio de Filosofia da Lingüística. (Tese de Doutorado). IEL/Unicamp.
- CELADA, M. T. (1992). Acerca dos gestos temporais e das migrações na teoria de Labov. DELTA, 8, 1:135-57.
- CHOMSKY, N. (1977). Diálogos com Mitsou Ronat. São Paulo, Cultrix.
- CHOMSKY, N. (1981). Lectures on Government and Binding. Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. (1986). Knowledge of Language. New York, Praeger.
- CHOMSKY, N. (1988). Language and Problems of Knowledge. Cambridge, Mass., MIT Press.
- KATO, M. (1992). Variação Sintática e Estilo. Cadernos de Estudos Lingüísticos, 22. Campinas, IEL/Unicamp. p.127-37.
- LABOV, W. (1987). The Overestimation of functionalism. In: Functionalism in Linguistics. John Benjamins Publishing Co. Amsterdam/Philadelphia.
- LABOV, W. (1989). The Limitations of Context: evidence from misunderstandings in Chicago. University of Pennsylvania. mimeo.
- NASCIMENTO, M. (1990). Teoria gramatical e "Mecanismos funcionais do uso da língua". DELTA, 6, 1, p.83-98.
- OLIVEIRA E SILVA & VOTRE, S. (1991). Estudos sociolingüísticos no Rio de Janeiro. DELTA, 7, 1, p.357-76.
- RAMOS, J. (1992). Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista. (Tese de Doutorado). IEL/Unicamp.
- TARALLO, F. (1991). Debate a Oliveira e Silva e Votre. DELTA, 7, 1.
- TARALLO, F. & KATO, M. (1989). Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. Preedição, 5.
- VOTRE, S. & NARO, A. (1989). Mecanismos funcionais do uso da língua. DELTA, 5, 2, p.169-84.

## Sobre a Noção de Texto e o Encaminhamento dos Cursos de Graduação em Letras

Maria José Bocorny Finatto<sup>1</sup>

### 1. Apresentação

Este trabalho tem a finalidade de realizar uma análise crítica do artigo de Lemos (1992), "Sobre o que faz texto: uma leitura de Cohesion in English". A partir da revisão que a A. faz do posicionamento de Halliday (1976), procuraremos estabelecer algumas relações entre as noções de texto, coesão e coerência textuais e os conseqüentes novos encaminhamentos da lingüística, os quais, por sua vez, vêm imprimindo aos cursos de graduação em Língua Portuguesa novas orientações.

### 2. Texto, uma nova perspectiva e um velho problema

O objetivo de Lemos (1992) é discutir algumas questões do trabalho de Halliday, mostrando a necessidade de uma reflexão acerca da fixação do texto como objeto da lingüística.

Ao nosso ver, a fixação desse objeto, além de envolver um questionamento sobre limites entre o componente gramatical e semântico, gera também uma reflexão que pode ser estendida ao conceito de coerência textual, indo, inclusive, até a instauração da Análise do Discurso (AD). Além disso, parece-nos importante fazer o início de uma avaliação dos efeitos da "perspectiva textual" sobre o encaminhamento dos cursos de graduação em Língua Portuguesa.

Lemos (1992:22) diz que Halliday, ao introduzir a questão do texto, estaria propondo um novo objeto para a lingüística, questionando demarcações já fixadas entre seus campos. Para a A., muito mais importante do que considerar se o objeto proposto é um novo objeto ou um mesmo objeto "redimensionado", é avaliar os efeitos que esse gesto produz.

Pelo que se pode observar do encaminhamento dado pela A., o centro da questão do texto é a sua noção estabelecida por Halliday. Ou

<sup>1</sup> Maria José Bocorny Finatto é mestre em Língua Portuguesa pela UFRGS.